

BIBIANA X LUZIA: PRESERVAÇÃO E DESTRUIÇÃO EM “O TEMPO E O VENTO”

BIBIANA X LUZIA: PRESERVATION AND DESTRUCTION IN “O TEMPO E O VENTO”

Carina Fior Postingher **BALZAN**¹

Resumo: A partir de fundamentos da teoria literária, busca-se analisar duas personagens femininas centrais na trama de *O Tempo e o Vento* de Erico Verissimo: Bibiana Terra Cambará e Luzia Silva Cambará, cujas representações não correspondem ao perfil das mulheres rio-grandenses. O confronto dessas duas forças antagônicas é decisivo para a condução da narrativa e o futuro das personagens delineados pelo escritor. Estão em jogo, nessa luta, os próprios fundamentos de *O Continente*: a posse do espaço físico, simbolizado pelo Sobrado, e a posse de uma criança, Licurgo, a garantia da descendência dos Terra Cambará. Assim, a luta entre a vida e a morte é transferida dos campos de batalha para o conflito de duas mulheres, e o triunfo de Bibiana assegurará a restauração e a permanência da vida. Destaca-se que grande parte da descrição dessas personagens é realizada sob a ótica do Dr. Winter, um intelectual estrangeiro inserido no contexto social de Santa Fé, constituindo um hábil recurso narrativo, já que, em última instância, ele representa a visão de mundo do próprio escritor a respeito da sociedade rio-grandense.

Palavras-chave: *O Tempo e o Vento*; representação feminina; sociedade rio-grandense

Abstract: From fundamentals of literary theory, this paper seeks to analyze two female central characters in the plot *O Tempo e o Vento* by Erico Verissimo: Bibiana Terra Cambará and Luzia Silva Cambará, whose representations do not match the profile of women from Rio Grande do Sul. The conflict of these two opposing forces is critical to conducting the narrative and the future of the characters delineated by the writer. There are at stake in this struggle the fundamentals of *O Continente*: the ownership of the physical space, symbolized by the Sobrado, and ownership of a child, Licurgo, the security of the descent of Terra Cambará. Thus, the struggle between life and death is transferred from the battlefield to the conflict of two women, and the triumph of Bibiana ensure the restoration and permanence of life. It is noteworthy that the description of the characters is performed from the perspective of Dr. Winter, an intellectual foreign, who is inserted in the social context of Santa Fé. He represents the Erico Verissimo's world view about the society of the Rio Grande do Sul.

Keywords: *O Tempo e o Vento*; representation of women; rio-grandense society

Sob o olhar do estrangeiro

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (Associação ampla UCS/Uniritter). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS-Campus Bento Gonçalves). Endereço eletrônico: carina.balzan@bento.ifrs.edu.br.

O *Tempo e o Vento*, por ser um romance histórico, representa a formação e o povoamento do Rio Grande do Sul num período compreendido entre 1745 e 1945. Nessa obra, a história individual das personagens, cada uma em sua época, se desenrola ao mesmo tempo em que são narrados fatos históricos, guerras e revoluções. Assim, ficção e realidade se entrelaçam para compor o projeto de Erico Verissimo de interpretar a História da Província de São Pedro, na tentativa de desmistificá-la.

Em *O Continente*, primeira parte da trilogia, apresenta-se ao leitor o surgimento da família Terra Cambará que, ao longo das gerações, protagoniza a narrativa. Aparecem personagens marcantes como Ana Terra, Bibiana, Capitão Rodrigo Cambará, Carl Winter, Luzia Silva, cujos diferentes papéis atuam na estruturação do romance e na representação da sociedade rio-grandense.

Grande parte da descrição das personagens aqui analisadas ocorre sob o ponto de vista do Dr. Carl Winter, um médico alemão que se estabeleceu em Santa Fé no ano de 1851. Caracterizado como um intelectual com sólida formação acadêmica, a erudição de Winter transparece no domínio de ciências como História, Biologia e Geografia, e no gosto pelas artes em geral, música e literatura.

Ao criar o Dr. Winter, Erico Verissimo atribuiu-lhe uma função especial dentro da narrativa: analisar a cultura gaúcha com base em outra cultura, no caso, a cultura europeia da qual a personagem faz parte. Sendo assim, temos na narrativa as impressões de um estrangeiro, médico de profissão, com um nível intelectual elevado, vivendo no extremo sul do Brasil, num espaço totalmente diferente de sua terra natal, a longínqua Alemanha, e se relacionando com pessoas de uma cultura da mesma forma diversa. Dotado de uma fina sensibilidade, o Dr. Winter consegue ir além da simples descrição física da paisagem e da população, ele adentra na alma dessa sociedade, analisa de forma mais profunda os habitantes, interpretando seus comportamentos, seus códigos de honra, seus interesses e desejos proibidos.

Vários teóricos da literatura já chamaram a atenção para a função dessa personagem na narrativa de *O Tempo e o Vento*. Para Chaves (2006, p.66), cabe ao Dr. Winter a função de observador arguto da geografia regional, nos sentidos fisiográfico e humano e, a partir dessa observação se daria a revelação do “mundo do *outro*”. Sem a “nomeação do outro” realizada pela personagem, portanto, não haveria a perspectiva crítica sobre a sociedade rio-grandense idealizada por Erico Verissimo.

Vellinho (2001) atribui a Carl Winter uma função semelhante à do coro da tragédia antiga, uma voz impessoal, alheia à sorte dos homens. Segundo o autor: “O simpático médico alemão, furtando-se de participar ativamente do novo meio, fica de fora a observar a gente e as coisas de Santa Fé, a traduzir em solilóquios as saborosas sensações que vai colecionando como se fossem

besouros ou borboletas” (VELLINHO, 2001, p.127). Zilberman (2004, p.96) confirma essa função similar ao coro da tragédia clássica, preparando a reação do espectador à entrada do protagonista. Porém, diferentemente da tragédia, segundo a autora, Erico Verissimo não restringe o emprego dessa técnica à situação de índole coletiva; ele introduz um olhar individual, que percebe as ações das personagens quando elas adentram o palco, interpretando-as de acordo com seu conhecimento do ser humano. Carl Winter, portanto, exerceria o papel de corifeu, interagindo com as personagens, mas não se deixando envolver por elas. Bordini (1995, p.222) acredita que a atuação de Carl Winter na narrativa, um dos principais intelectuais de toda a trilogia, está mais em ser uma testemunha ilustrada do início do processo civilizatório de Santa Fé do que na de alguém que modifica o meio em que se encontra. Podemos ainda relacionar a personagem Carl Winter com o que Candido (1972, p.44) chama de “personagem contraponto”. Segundo o crítico, na maioria dos livros de Erico Verissimo há uma personagem *raisonneur*, um indivíduo que funciona como “consciência esclarecida”, geralmente representado por um escritor ou intelectual com capacidade para debater. Por essa caracterização, a visão do mundo da personagem Carl Winter serviria para confrontar a posição defendida pela sociedade patriarcal gaúcha ou pela Igreja.

É, portanto, a partir do olhar do Dr. Carl Winter sobre Bibiana e Luzia que as tomamos para análise neste artigo, procurando tecer um diálogo com a crítica literária que se dedicou a essas personagens singulares da narrativa de *O Tempo e o Vento*.

Bibiana e Luzia no mapa social de Santa Fé

Diferentemente dos homens, que possuíam uma vida agitada, sempre às voltas com o trabalho nas estâncias, fazendo rodeios, laçando e carneando o gado, curando bicheiras, fazendo tropas, divertindo-se com jogos e fandangos e, inevitavelmente, servindo de soldados nas guerras, as mulheres tinham pouco destaque na vida social da Província, assim observa Winter:

O destino das mulheres naquele fim de mundo era bem melancólico. Não tinham muitos direitos e arcavam com quase todas as responsabilidades. Sua missão era ter filhos, criá-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar. Dificilmente ou nunca falavam com estranhos e Winter sabia que um forasteiro que dirigisse a palavra a uma senhora corria o risco de incorrer na ira do marido, do pai ou do irmão dessa senhora, que lhe viria imediatamente “tirar uma satisfação”. (VERISSIMO, 2002, p.48, grifo do autor)

O campo de atuação das mulheres, portanto, situava-se dentro dos limites da própria casa e do quintal. Possuíam pouca ou nenhuma escolaridade e, eventualmente, saíam de casa para visitar alguma comadre ou ir à missa. A principal função das mulheres era cuidar do marido e criar os filhos para depois vê-los partirem para a guerra, na esperança de que voltassem um dia. Não havia

na Província mulher que durante sua vida não tivesse esperado pelo fim de uma guerra para rever o pai, os irmãos, o marido ou os filhos, e não raro, esse reencontro jamais se concretizava. Na observação de Carl Winter:

Eram estas em sua maioria analfabetas ou de pouquíssimas letras e tinham uma assustadora tendência para a obesidade. [...] Eram tristes e bisonhas, e as contínuas guerras quase não lhes permitiam tirar o luto do corpo; por isso traziam nos olhos o permanente espanto de quem está sempre a esperar uma notícia trágica. (VERISSIMO, 2002, p.48)

A aparência das mulheres rio-grandenses também chamava a atenção de Carl Winter pela tendência à obesidade. Limitadas ao âmbito doméstico, com pouca atividade física e afeitas a uma alimentação abundante, era natural que engordassem. O Dr. Winter, frequentador do Sobrado, ficava surpreendido com a quantidade de pratos que havia nas refeições das famílias com boas condições financeiras da Província: “Nunca menos de seis, e às vezes até dez. Não raro numa refeição serviam-se quatro ou cinco variedades de carne, e nenhuma verdura.” (VERISSIMO, 2002, p.101). No entanto, o médico entendia que os continentinos preferiam as mulheres desse tipo, mais encorpadas, pois possivelmente comparavam-nas com o gado:

A tendência que as mulheres daquela província tinham para engordar! Com exceção das filhas de Florêncio, as outras moças eram rechonchudas, tinham ancas largas e seios fartos. Os gaúchos pareciam gostar desse tipo, pois talvez as julgassem como julgavam as vacas leiteiras: quanto maior o úbere, mais leite. Depois que casavam, então, aquelas fêmeas botavam corpo e ficavam como a esposa do Veiga da Casa Sol, que ali estava junto do vigário, apertada num vestido de cetim azul-marinho, com sua cara de bolo de milho abatumado, o seu duplo queixo duma moleza e duma brancura de requeijão, a mirar o declamador com seus olhinhos empapuçados em que havia uma vaga luz de espanto... *Mein Gott!* (VERISSIMO, 2002, p.350-351)

Dentre as mulheres que aparecem em *O Continente*, destacamos as impressões do Dr. Winter a respeito de duas personagens principais: D. Bibiana Terra Cambará e Luzia Silva Cambará, as quais são observadas com riqueza de detalhes e, cada qual à sua maneira, não correspondiam ao perfil das mulheres da sociedade patriarcal rio-grandense.

Começemos pela neta de Ana Terra. Na opinião do Dr. Winter, “com umas duzentas matronas como aquela estaria garantido o futuro da Província” (VERISSIMO, 2002, p. 48). É evidente o sentimento de respeito e admiração que Carl Winter nutre por D. Bibiana. Considera-a dona de uma personalidade forte e persistente, uma mulher prática, que resolve os problemas sem muitos rodeios e não mede esforços para defender o que é seu. Como aponta Almeida (1996, p.56), “Bibiana, como a avó, é teimosa, perseverante, briga sem limites e pruridos pelo que quer e consegue-o sempre. Para ela, como para Ana Terra, o que importa é a família, a descendência, o filho, o neto” .

Bibiana supera o temperamento aventureiro e boêmio do marido, o Cap. Rodrigo, e praticamente cria os filhos sozinha. Ela consegue recuperar o território da família, tomar conta do Sobrado e vencer a batalha doméstica contra a nora, Luzia, de maneira que também cria o neto, Licurgo, responsável pela continuidade do clã. Ao assumir uma posição de comando, após a morte do Cap. Rodrigo, Bibiana mostra-se uma personagem forte, mais enérgica e moralmente mais corajosa que os homens.

Como residia em Santa Fé há alguns anos e frequentava assiduamente o Sobrado, Carl Winter adquiriu a confiança de Bibiana, não só por ser o médico da família, mas por causa de suas opiniões lúcidas e conselhos sensatos, o que origina uma sólida e sincera amizade entre eles. O médico torna-se uma espécie de confidente de Bibiana, e as revelações que ela lhe faz, não seria capaz de fazer a outra pessoa.

Agora falemos de Luzia. Desde a primeira vez que o Dr. Winter vira a neta de Aguinaldo Silva, percebeu que estava diante de uma mulher diferente, misteriosa. Uma mulher perturbadora, que ele chega a comparar com Melpômene², a musa da tragédia grega:

Melpômene, Melpômene... Sim, Luzia lhe evocava a musa da tragédia. Havia naquela mulher de dezenove anos qualquer coisa de perturbador: uma aura de drama, uma atmosfera abafada de perigo. Winter sentira isso desde o momento em que pusera os olhos nela e por isso ficara, com relação à neta de Aguinaldo, numa permanente atitude defensiva. Numa terra de gente simples, sem mistérios, Luzia se lhe revelara uma criatura complexa, uma alma cheia de resflos, uma pessoa enfim – para usar da expressão das gentes do lugar – “que tinha outra por dentro”. (VERISSIMO, 2002, p.36, grifo do autor)

É justamente ao Dr. Winter que cabe grande parte da narração do capítulo dedicado à Luzia Silva. O médico alemão sente algo de trágico na figura da moça e nos acontecimentos que se desenrolam perante seus olhos, no entanto, segundo Zilbermam (2004, p.92), o trágico não se localiza apenas no destino previsível das personagens, como o médico quer, mas também no andamento do drama. Carl Winter percebe as ações de Luzia e interpreta-as à luz do seu conhecimento da espécie humana e da cultura local.

Luzia fascinava todos os homens de Santa Fé, mas não somente por sua beleza. Ela tinha vindo da cidade, era rica, possuía roupas elegantes e gestos delicados, tinha opiniões próprias, sabia falar bonito, recitar versos e, ainda por cima, tocava cítara. Luzia contrastava com o ambiente e com as pessoas de Santa Fé, era como uma personagem deslocada de seu cenário habitual.

² Segundo Victória (2000, p.96), na mitologia grega, Melpômene aparece com uma fisionomia grave e olhar severo. Ricamente vestida, numa das mãos empunha um cetro ou uma máscara, por vezes algumas coroas ou um punhal ensanguentado.

Ao conhecê-la, Winter ficara todo alvoroçado como um colecionador de borboletas que descobre um espécime raro no lugar mais inesperado do mundo. Ao contrário, porém, do que sentiria um colecionador, não desejou apanhar aquela borboleta em sua rede: ficou, antes, encantado pela idéia de seguir-lhe o vôo, de observá-la de longe, viva e alegre. Que mistérios haveria dentro daquela cabeça bonita? (VERISSIMO, 2002, p.36).

O que mais chamava a atenção do Dr. Winter eram os olhos de Luzia. O médico não conseguia definir-lhes a cor; parecia que mudavam de cor conforme o dia. Às vezes eram esverdeados, outras vezes estavam cinzentos, mas tinham “uma fixidez e um lustro de vidro e pareciam completamente vazios de emoção”, por isso, Winter julgou-a incapaz de amor por alguém, pois olhava pessoas e objetos com a mesma indiferença. O médico gostaria de saber o que se passava nos pensamentos daquela estranha mulher. Aos poucos descobriria, mas o que pressentia dava-lhe um frio horror.

Só mais adiante é que Carl Winter pôde concretizar em sua mente a imagem da neta do pernambucano com maior clareza, e a musa da tragédia deu lugar à Teiniaguá:

A vasta sala de visitas estava muito clara de sol e Carl notou que o reflexo tricolor da bandeirola duma das janelas tingia a face e o pescoço de Luzia. Uma estigmatizada – fantasiou ele. Achou-a perversamente linda. Estava ela sentada no sofá ao lado do noivo, vestida de crinolina verde, de saia muito rodada com aplicações de renda; tinha cravado nos cabelos dum castanho profundo grande pente em forma de leque, no centro do qual faiscava um brilhante. Winter pensou imediatamente na bela e jovem bruxa moura que o diabo, segundo a lenda que corria pela Província, transformara numa lagartixa cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho ofuscante. Como era mesmo o nome do animal? Ah! Teiniaguá. A sua Musa da Tragédia havia agora virado teiniaguá. (VERISSIMO, 2002, p.57)

A combinação de elementos: a luz refletindo no rosto da moça, a roupa de coloração verde e a pedra brilhante na cabeça, levou Carl Winter a associar Luzia à Teiniaguá, personagem da lenda que corria pela região missioneira.

Segundo Chaves (1972, p.81), Simões Lopes Neto conheceu a lenda que há muito tempo fazia parte do folclore rio-grandense, a princesa moura transformada em lagartixa para partilhar os segredos do demônio, cuja cabeça consistia numa pedra fulgurante que cegava e destruía os homens que dela se aproximassem. Em *A Salamanca do Jarau*, Simões Lopes transpôs a fonte popular em linguagem literária e Erico Verissimo recolheu-a para construir a personagem de Luzia Silva, que deveria aparecer como reverso do eixo moral característico das descendentes de Ana Terra.

Regina Zilberman confirma esta hipótese em estudo que compara o texto de Simões Lopes Neto com o de Erico Verissimo, e diz que o escritor de *O Continente*,

[...] ao intitular “A Teiniaguá” o episódio em que se narram as desventuras da segunda geração dos Cambará, apropriou-se dos fatores constituintes da lenda

sulina. Seu modelo, porém, não proveio da tradição popular, mas do texto elaborado por Simões Lopes, pois corroborou as alterações incorporadas ao relato folclórico, a começar pelo emprego, no título, da forma feminina. (ZILBERMAN, 2004, p.91)

Da mesma forma que a feiticeira moura seduz o sacristão da lenda de Simões Lopes Neto, Luzia enfeitiça Bolívar na narrativa de Erico. Bolívar sucumbe à atração exercida pela estrangeira, que seduz e conquista quem dela se aproxima. Além do mais, seria através de Luzia/teiniaguá, que Bolívar conquistaria riqueza, a mesma pretensão do sacristão da lenda ao capturar a lagartixa, prendendo-a dentro de uma guampa.

É, contudo, no dia do noivado entre Luzia e Bolívar, acontecimento simultâneo ao enforcamento do negro Severino, que o Dr. Winter comprovaria o verdadeiro caráter da teiniaguá, testemunhando o prazer que lhe proporcionava o sofrimento alheio:

O carrasco experimentou o nó corredio e depois colocou a corda em torno do pescoço do escravo. Havia agora na praça um silêncio de cemitério. De repente um galo cantou atrás da igreja. O Dr. Winter voltou a cabeça para Luzia. E foi no semblante da teiniaguá que ele viu o resto da cena macabra. Primeiro o rosto dela se contorceu num puxão nervoso, como se ela tivesse sentido uma súbita dor aguda. Depois se fixou numa expressão de profundo interesse que aos poucos se foi transformando numa máscara de gozo que pareceu chegar quase ao orgasmo. (VERISSIMO, 2002, p.71-72)

O médico diagnostica, perplexo, a doença mental de Luzia durante o enforcamento do negro. Tempos depois, teria a confirmação do sadismo de Luzia, quando da morte de Aguinaldo Silva, o avô da moça:

Winter olhava para Luzia e via que ela estava gozando naquele momento. Tinha a respiração ofegante e um brilho meio embaciado nos olhos claros. Agora, à luz das velas, Winter via-lhes melhor a cor: eram verdes, não havia a menor dúvida, dum tom que o mar assume em certos dias de sol fraco. (VERISSIMO, 2002, p.84)

Luzia Silva representa a transgressão das regras sociais estabelecidas para as mulheres de seu tempo, seja enquanto mulher e senhora do Sobrado, seja enquanto esposa e mãe. Fêmea sedutora, ao contrário das descendentes de Ana Terra, Luzia não abre mão de sua condição de mulher pela maternidade, não se empenha pela manutenção da vida.

Apesar de representarem personagens antagônicas, tanto Luzia quanto Bibiana não correspondem ao perfil das mulheres rio-grandenses, pois desafiam os padrões morais e sociais, rompendo com as convenções da época. Ambas rejeitam o papel de mulher serviçal, esperado das mulheres na sociedade patriarcal representada no romance, cuja missão era criar os filhos e tomar conta da casa, cozinhar, lavar, passar... Mulheres servis que, em silêncio, cumprem a função social de esposas obedientes aos maridos e mães abnegadas de seus filhos, a exemplo de Henriqueta (mãe

de Ana Terra), Arminda (mãe de Bibiana), Alice (esposa de Licurgo), as quais não possuíam a firmeza de caráter demonstrada pelas personagens aqui analisadas.

O confronto de duas forças antagônicas

Winter acompanha de perto o plano secreto de Bibiana em reconquistar as terras de seu pai, Pedro Terra, tomadas por Aguinaldo Silva e sobre as quais o pernambucano havia mandado construir o mais imponente casarão da vila, o Sobrado. Estimulando o casamento de seu filho Bolívar com Luzia, neta de Aguinaldo, Bibiana conseguiria retomar as terras de seu pai, e, mais que isso, com a morte do pernambucano, seu filho seria dono de tudo: do Sobrado, das fazendas e das milhares cabeças de gado do sogro. E então ela, Bibiana, voltaria para a terra que sempre pertencera a sua família.

Todos os planos de Bibiana realmente se efetivam, mas não tarda muito e o preço pela conquista é cobrado: a difícil convivência com a nora. A personalidade doentia de Luzia transforma a vida de Bolívar em um pesadelo, que ia de ofensas verbais até agressões físicas. Outros acontecimentos também comprovam a personalidade doentia de Luzia, a relação entre o sadismo e o prazer sexual: os depoimentos de Bibiana sobre os castigos corporais que Luzia infligia em Bolívar, a ocasião em que o casal viaja para Porto Alegre e Bolívar presencia a satisfação da mulher ao contemplar os cadáveres, vítimas da epidemia de cólera-morbo.

Bibiana encarava a nora como alguém que não pertencia àquele lugar e àquela família. Após ter alcançado seu objetivo, Bibiana não via mais propósito algum em ainda manter Luzia por perto. Para ela, a nora era totalmente dispensável. E, pela primeira vez, Bibiana fala francamente com o Dr. Winter sobre a possibilidade de livrar-se de Luzia, internando-a num hospício:

Winter teve uma repentina sensação de frio interior. E refletiu imediatamente: “Com Luzia no hospício, D. Bibiana completa a sua conquista do Sobrado”. Mau grado seu, sentiu-se chocado. Costumava considerar-se um realista e encarar as criaturas humanas com cinismo, sem nunca esperar delas nobreza de sentimentos e altruísmo. [...] A sugestão de Bibiana deixara-o quase escandalizado. Habituar-se a ver nela uma mulher de caráter e – oh, as frases feitas, os sentimentos feitos! – de coração bem formado. Via-a agora como sob uma nova luz fria, crua e reveladora: tinha a medida exata de sua capacidade de ódio. Mas... por que não virar a coisa do lado avesso e dizer – *de sua capacidade de amor?* Não estaria Bibiana a sugerir aquelas coisas pelo muito que amava o filho e o Sobrado? E aquela atitude não revelaria, em última análise, o espírito prático de uma mulher realista que, no dizer do povo da Província, costumava dar nomes aos bois? [...] Para a sogra – refletiu Winter – Luzia não passava duma erva daninha que vicejava maleficamente no jardim do Sobrado e que era preciso extirpar antes que ela sufocasse as plantas úteis e belas. (VERISSIMO, 2002, p.111, grifos do autor)

Embora surpreso com a revelação da personalidade de Bibiana, Carl Winter não a recrimina. Pelo contrário, admira sua coragem em meio a uma sociedade na qual as mulheres não tinham voz e muito menos atitude. Bibiana realmente demonstrava ser uma mulher prática, persistente, que não mediria esforços para preservar sua família.

De acordo com Bregow (2006), percebe-se, pelas atitudes de Bibiana, o ciúme em relação à nora, sentindo-se ameaçada por sua beleza, por seu talento musical e literário, por sua influência sobre Bolívar. Para justificar seus próprios atos e pensamentos, Bibiana acusa Luzia de bruxa, assanhada, sem-vergonha, louca, tratando-a com rispidez.

Entendendo essa rivalidade, compreende-se o comportamento da mãe de Bolívar com relação à nora, que era ríspido, seco e carregado de desdém. Usava do argumento altruísta de ter sujeitado o filho àquela situação para garantir-lhe o Sobrado e todas as posses que viriam junto com ele, quando, na verdade, ela mesma é quem queria ter, a qualquer custo, o título de dona do Sobrado – e o consegue sacrificando o próprio filho. (BREGOW, 2006, p.54)

Com o nascimento de Licurgo, filho de Bolívar e Luzia, a relação entre sogra e nora fica ainda mais complicada, pois além de disputarem o filho (Bolívar), agora disputavam o neto. Bibiana queria criar Licurgo do seu jeito, porque “aquele menino que tinha o sangue do Cap. Rodrigo Cambará, ia ser o dono do Sobrado, dos campos do Angico e de milhares de cabeças de gado.” (VERISSIMO, 2002, p.125). O maior desejo de Bibiana era ver o neto crescer, tornar-se homem e encher a casa de mais descendentes do sangue Terra Cambará.

No entanto, após a morte de Bolívar pelos capangas de Bento Amaral, Bibiana vive tempos de apreensão. Além dos conflitos com a nora, tem medo de que Luzia resolva ir embora de Santa Fé e leve o filho consigo. Sendo assim, Bibiana se encarrega de afastar, à sua maneira, todos os pretendentes que se aproximavam de Luzia, que embora viúva, ainda era jovem e bonita. Enquanto isso, os anos passam e Licurgo vai se tornando um rapaz. Sua educação escolar fica a cargo do Dr. Nepomuceno, do Pe. Otero e do Dr. Winter. Já as coisas da vida, que para Licurgo constituíam a lição mais importante, eram-lhe ensinadas por Fandango, o peão da estância.

Em conversa com Florêncio Terra, certa vez, o médico alemão explica metaforicamente a desgastante relação entre sogra e nora, utilizando a linguagem da região:

- Como é que elas vivem naquela casa, doutor?
- Odiando-se.
- Mas como é que duas pessoas que se odeiam assim podem viver debaixo do mesmo teto?
- Estão jogando uma carreira.
- Como?
- Sim, uma carreira. Não em cancha reta, mas numa cancha cheia de curvas. A raia da chegada é a morte. Só que nessa carreira quem chegar primeiro perde...
- Perde?

- O Sobrado e o menino. (VERISSIMO, 2002, p.183)

Evidentemente havia uma disputa acirrada entre as mulheres do Sobrado, e seria vencedora aquela que vivesse por mais tempo. Bibiana estava em desvantagem pela idade, tinha muitos anos a mais que Luzia, poderia morrer primeiro, entretanto, Luzia estava doente, um tumor maligno crescia em seu corpo, o que poderia lhe encurtar o tempo de vida. E nem uma nem outra pretendia abandonar seu posto tão facilmente.

O Dr. Winter sempre falava de forma franca com Bibiana, e esta não lhe guardava mais segredos. Com os anos de convivência, a intimidade entre os dois era tamanha que já podiam entender-se apenas pelo olhar. Bibiana, sendo uma mulher reservada, que não demonstrava seus sentimentos, encontrou no médico alemão um amigo leal, discreto, para quem podia contar até seus pensamentos mais íntimos. “Vosmecê é a única pessoa que me entende direito.” (VERISSIMO, 2002, p.237). Em suas longas conversas, falavam sobre Luzia, sobre Licurgo, sobre o futuro, sobre as guerras... e Carl Winter entrevistava, nas histórias contadas por Bibiana, o destino solitário das mulheres da Província de São Pedro, fadadas à eterna espera:

- De vez em quando penso na minha mãe – prosseguiu Bibiana com sua voz calma e seca, - no meu pai, na minha avó e no que eles fizeram e sofreram, e nos trabalhos que passaram. De que serviu tudo isso? Me diga, de que serviu? Aqui estamos nós sofrendo, considerando, trabalhando, esperando. Primeiro esperei o meu marido que foi pra guerra; e no dia que voltou só tive ele por uns minutos, e logo em seguida foi morto pelos bandidos dos Amarais. Esperei que o Boli nascesse, que ele crescesse e tivesse um filho. Agora Boli está morto, o filho está crescendo e eu esperando que ele fique homem. Minha avó esperou muitas vezes o filho que tinha ido pra guerra. Uma vez fiquei na minha cadeira me balançando dum lado pra outro e esperando o Boli que tinha ido brigar com os castelhanos. Agora está aí essa outra guerra braba que não acaba mais. Minha Nossa Senhora! (VERISSIMO, 2002, p.233)

Winter aconselhava Bibiana no relacionamento com Luzia e na criação de Licurgo. E dia após dia, sogra e nora suportavam a presença uma da outra e custosamente conviviam sob o mesmo teto. Elas representavam duas forças da mesma forma intensas, mas posicionadas em lados opostos. E Carl Winter reconhecia, que em sua curiosa neutralidade, pendia em favor de Bibiana:

- Quase dezessete anos, não, D. Bibiana?
Ela sacudiu a cabeça, devagarinho.
- É verdade. Um tempão. Nenhuma guerra, que eu saiba, durou tanto.
Winter pensou na sua curiosa situação de neutro; e reconheceu que naquele conflito ele mantinha uma neutralidade benevolente para com a sogra em detrimento da nora. (VERISSIMO, 2002, p.236)

Winter constatava que também ali, no interior do Sobrado, travava-se uma guerra. Mas não era uma guerra que se resolvia num duelo a adaga ou pistola, como costumavam fazer os

homens. Para enfrentar essa guerra era necessário ter ainda mais coragem, pois acontecia dia a dia, hora a hora. Era uma guerra, na opinião de Bibiana, cuja principal arma era a paciência.

Mais do que a paciência – refletiu Winter – as mulheres tinham uma constância feroz no ódio. Não era um ódio que se concentrasse todo num ímpeto para produzir um gesto de selvagem violência. Diferente do ódio dos homens, que se fazia labareda devastadora, mas se extinguia logo, o ódio das mulheres era uma brasa lenta que ardia, às vezes escondida sob cinzas, e que durava anos, anos e anos... (VERISSIMO, 2002, p.240)

Chaves (1972, p.81) chega a afirmar que dentre todas as guerras que envolveram os homens ao longo da narrativa, “o verdadeiro combate de O Continente – e o mais cruel de todos – não foi travado nas coxilhas, mas no interior do sobrado, entre Bibiana e Luzia”. Na luta decisiva entre as duas mulheres, estavam em jogo os próprios fundamentos regentes de *O Continente*: a posse do espaço físico, simbolizado pelo Sobrado, e a posse de uma criança, Licurgo, a garantia da descendência de Terras e Cambarás. Tratava-se, segundo o autor, de uma luta entre a vida e a morte, transferida dos campos de batalha para o conflito de dois caracteres, e o triunfo de Bibiana asseguraria a restauração e a permanência da vida.

Dessa forma, à medida que avança a ação da narrativa, aumentam os sinais da doença mental de Luzia, e a isso vêm somar-se as dores provocadas por um tumor maligno no estômago, diagnosticado pelo Dr. Winter. O médico aliviava com remédios as dores de sua paciente e via, sem nada poder fazer para salvá-la, que Luzia definhava aos poucos. Nem ao menos podia confortá-la com palavras, pois conhecia seu caráter e ela não as aceitaria. Luzia sentia prazer com o próprio sofrimento, numa atitude masoquista, como revela o seguinte trecho:

De resto ela gostava de falar da morte que se aproximava; era com gozo que, numa antecipação, descrevia-se a si mesma metida numa mortalha negra, dentro dum esquife, ladeada por quatro círios. Era sorrindo que antevia o velório, descrevia as pessoas que chegavam e mencionava as coisas que iriam dizer ou pensar da defunta. Em pensamentos acompanhava o próprio enterro até o cemitério, via quando desciam o caixão ao fundo da cova, ouvia o ruído cavo da terra a cair na tampa do esquife. Winter estava presente quando um dia ela repetiu essa estúpida história diante do filho com tanta riqueza de detalhes mórbidos, que o rapaz rompeu a chorar e acabou fugindo da sala. (VERISSIMO, 2002, p.217)

Nos últimos tempos, Luzia estava emagrecida e pálida. A voz veludosa de viola de antes, agora estava cansada e gasta. Mas mesmo agonizante, a teiniaguá não perdia o seu feitiço, como revela Carl Winter na seguinte passagem:

Já não sabia mais ao certo o que sentia por aquela mulher. Logo que a conhecera, desejara-a fisicamente duma forma mórbida que o assustava um pouco. Depois fugira dela com certo horror. Agora o que sentia era pena mesclada de

curiosidade. Sempre que a via pensava naquele tumor que lhe crescia no estômago com o viço maligno duma flor que se alimenta de carne. Era-lhe inconcebível a idéia de desejar carnalmente uma mulher em tais condições, pois isso seria quase uma inclinação necrófila... (VERISSIMO, 2002, p.220).

O sentimento que Carl Winter nutria por Luzia, desde que a conhecera, era confuso e perturbador. Sentia uma atração irresistível que o impelia a olhar para a moça. Ele próprio reconhecia que se sentia atraído fisicamente por Luzia, mas era “um desejo sem ternura, um desejo frio e perverso”. Mais uma vez a teiniaguá exercia seu poder de sedução, e nem mesmo o Dr. Winter escapava desse feitiço:

Tinha uma voz grave e musical, uma voz – achava Winter – cujo registro correspondia ao da viola. Era quente, úmida, profunda, veludosa – tão excitante que parecia vir-lhe do sexo e não da boca – refletiu ainda o médico. (VERISSIMO, 2002, p.58)

Numa mistura de atração física e amor proibido, afinal Luzia era esposa de Bolívar, Carl Winter prefere não se comprometer. Se algum sentimento mais forte ele nutria pela teiniaguá, prefere guardá-lo para si. No entanto, em algumas ocasiões esse desejo reprimido acaba por revelar-se de forma intensa. No enterro de Bolívar, por exemplo, Winter sente uma atração demoníaca por Luzia, que narra numa carta a Koseritz, para em seguida rasgá-la, julgando ser uma confissão muito forte:

Naquele momento, meu caro, tive um vislumbre da besta que dorme dentro de cada um de nós, e o que senti me assustou, e até agora no momento em que te escrevo ainda me perturba. É que me surpreendi a desejar violenta e carnalmente Luzia Cambará, ali no cemitério, naquele momento mesmo em que ela contemplava pela última vez o rosto do marido defunto. E de mistura com esse desejo eu senti náusea, como se meu sexo se tivesse transferido para a boca do estômago. (VERISSIMO, 2002, p.152, grifo do autor)

De certa forma, Carl Winter e Luzia Silva apresentam algumas características semelhantes na narrativa, o que também pode justificar a atração que o médico sentia pela neta do pernambucano. Os dois são forasteiros, cuja verdadeira origem é desconhecida: Carl Winter aparece ao Rio Grande do Sul como refugiado político da Alemanha; quanto à Luzia, sabe-se que seu avô, Aguinaldo Silva, confessa ao padre que a adotou de pais desconhecidos num colégio do Rio de Janeiro. Ambos são instruídos, com um nível de escolarização superior às pessoas nascidas em Santa Fé. Tanto Carl Winter como Luzia apreciam as artes: música, teatro, museus, e igualmente sentem a falta dessas coisas em Santa Fé, queixando-se da vida que levavam ali, do isolamento, da escassez de informação, da distância entre os povoados, da falta de convívio social com pessoas do mesmo nível intelectual. Além disso, os dois envolvem-se em discussões políticas com os outros representantes da intelectualidade, o Dr. Nepomuceno e o Pe. Otero, sendo que Luzia é recriminada pelos moradores de Santa Fé por se meter em conversas com homens e divulgar a

convivência igualitária entre os sexos. Ambos são ateus e manifestam seus pontos de vista heréticos e, por fim, os dois são artistas: Winter toca violino, Luzia toca cítara, mas enquanto a mulher elabora canções, o médico apenas reproduz melodias de autores consagrados: Mozart, Schubert, Haydn.

Essas semelhanças entre as duas personagens são comentadas por Bordini (1995). Segundo a autora:

Luzia Silva Cambará é a contrapartida feminina de Winter, num sentido similar quanto ao fato de ser a única mulher culta do lugar, mas divergente no que diz respeito ao comportamento social. Luzia é vista pela vila como mulher “assanhada”, porque conversa sobre política, guerra e morte sem nenhuma delicadeza feminina, seduzindo os homens que a ouvem mais por sua beleza e fluência retórica do que pelas ideias que expressa e que os chocam profundamente. (BORDINI, 1995, p.222)

Muitos anos depois da morte de Luzia, quando o neto já era homem feito, durante uma festa no Sobrado, ocasião em que Licurgo daria alforria a seus escravos, Bibiana conversa com Carl Winter e este percebe que havia algo preocupando a amiga. O que preocupava Bibiana era o fato de que Licurgo, mesmo de casamento marcado com a prima Alice, mantinha uma amásia e não pretendia se livrar dela. Bibiana não sabia bem o motivo pelo qual não gostava de Ismália, mas depois descobriu e revelou-o a Winter:

- Nunca me agradei da cara dessa china, a Ismália. No princípio eu não sabia por quê. Agora sei...
- Ficou esperando que o Dr. Winter perguntasse: “Por quê?”. Mas ele permaneceu calado, os olhos fitos na amiga. [...] Bibiana inclinou-se para o médico e esclareceu:
- O diabo da menina tem na cara, nos olhos, no jeito, qualquer coisa que lembra a mãe do Curgo.
- Winter encarou por alguns instantes a interlocutora e depois, levantando-se também, disse:
- É verdade. A Luzia não está tão morta como muita gente pensa.
- Lado a lado e silenciosos, os dois amigos voltaram a passo lento para a festa. (VERISSIMO, 2002, p.366)

De fato, Luzia continuava viva na lembrança de Bibiana, povoava seus sonhos e, agora, transfigurava-se em Ismália, a amante do neto. De forma especial, a imagem de Luzia também permanecia na lembrança de Carl Winter.

Assim, em oposição às características de integridade moral e preservação da vida, próprias das mulheres descendentes de Ana Terra, Luzia representa a força de destruição, a própria imagem da morte. Nas palavras de Chaves (1972, p.81), Luzia se revela “uma fêmea devoradora onde se misturam o sexo e a violência, que atrai o macho como a Teiniaguá lendária e o aniquila, pois sua força é força de destruição.”.

A vida preservada

Enquanto os homens guerreavam nas coxilhas, manchando de sangue os campos, a continuidade da existência ficava assegurada pelas personalidades verdadeiramente fortes das mulheres que defendiam o Sobrado e escutavam o passar do vento na longa espera de que a paz voltasse a se estabelecer.

Como aponta Chaves (1972), mulheres como Bibiana tornam-se força de preservação, pois cabe a elas assegurar a continuidade de um mundo que se volta sempre para o futuro. E para garantir esse futuro enfrentam a dor da perda e a espera pelo fim das guerras, lutam silenciosamente contra as teiniaguás que ameaçam destruir suas famílias. Luzia também é uma forte, mas sua força, ao contrário de Bibiana, não advém da manutenção da descendência, sublime função materna, mas sim da sexualidade que seduz e aniquila os homens.

A vitória de Bibiana assegura a permanência da vida e a continuidade da história. E Carl Winter, como espectador da luta travada entre as duas mulheres, constitui um hábil recurso estrutural da narrativa, pois é sob a sua perspectiva que obtemos uma visão crítica da Província de São Pedro e de seus habitantes, impossível de ser realizada pelos que se encontram no interior dela e a constituem.

Referências

- ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: as mulheres d'O tempo e o vento*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1996.
- BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.
- BREGOW, Bianca de Vit. *As mães e seus filhos: uma leitura d'O tempo e o vento de Erico Verissimo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp021151.pdf>. Acesso em: 09 set. 2015.
- CANDIDO, Antonio. Erico Verissimo de trinta a setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____. (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p.71-85.
- _____. *Ponta de Estoque*. Caxias do Sul, RS: EducS, 2006.
- VELLINHO, Moysés. O Tempo e o Vento. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaaios Literários: Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2001, p.123-131.
- VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Continente* vol. 1 e 2. São Paulo: Globo, 2002.
- VICTORIA, Luiz A.P. *Dicionário básico de mitologia: Grécia, Roma, Egito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- ZILBERMAN, Regina. Luzia Silva Cambará – revendo a tradição do mito. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento: História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.87-101.

Chegou em: 17-01-2017
Aceito em: 21-02-2017